

RELATÓRIO
PESQUISA
FEIRAS EM ALTAMIRA, PA
CONFLUÊNCIA DE UNIVER
DE SIGNIFICA

RELATÓRIO DE
PESQUISA
FEIRAS EM ALTAMIRA, PARÁ:
CONFLUÊNCIA DE UNIVERSOS
DE SIGNIFICAÇÃO

GUTENBERG ARMANDO DINIZ GUERRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

CÉSAR AUGUSTO MARTINS DE SOUZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

Resumo

FEIRAS EM ALTAMIRA, PARÁ: CONFLUÊNCIA DE UNIVERSOS DE SIGNIFICAÇÃO

Os produtos agrícolas originários dos travessões e das margens ao longo da rodovia Transamazônica são expostos e vendidos, em Altamira, na Feira Livre Municipal, Feira do Produtor e Feira da Brasília. As duas primeiras são contíguas e dificilmente distinguíveis uma da outra, localizadas no centro comercial da cidade e conhecidas na linguagem corrente como Mercado Municipal. Têm o seu ponto alto no sábado, com fraca movimentação durante a semana. A terceira, localizada no bairro Brasília, espalha-se por uma das ruas principais de Altamira, a Abel Figueiredo, e oferece produtos variados ao público, nas manhãs de domingo. Mais do que pontos de venda, são espaços de vida social e de expressão de gestão dos recursos naturais, seja pelo extrativismo, seja por processos produtivos instalados em contextos definidos. Neste artigo descrevemos suas características estruturais, exercício que pressupõe a análise das relações sociais e econômicas que ali se desenvolvem.

Palavras chave: Mercado, Transamazônica, produção agrícola

Abstract

FAIRS IN ALTAMIRA, PARÁ: A CONFLUENCE OF UNIVERSES OF MEANING

The rural products originated in the intersections along the Trans-Amazonian Highway are displayed and sold in the Altamira's Municipal Free Market, Farmers' Market and the Brasília Market. The first two are connected and hardly distinguished from one another, located in the commercial center of the city and known as 'Municipal Market'. They have their peak on Saturday, with a slow movement during the week. The third one, located in the Brasília neighborhood, stretches along one of the main Altamira streets, the *Abel Figueiredo*, which offers a variety of products on Sunday mornings. In this article, we describe the markets in their structural characteristics that presuppose the analyses of the social and economic relations there developed.

Keywords: Market, Trans-Amazonian highway, agricultural production

Resumen

FERIAS EN ALTAMIRA, PARÁ: CONFLUENCIA DE LOS UNIVERSOS DE SENTIDO

Los productos agrícola originarios de las intersecciones a lo largo de la autopista Trans-Amazónica se muestran y se venden en el Mercado Municipal Libre de Altamira, Mercado del Agricultor y Mercado Brasília. Los dos primeros están conectados y no se distinguen uno de o otro, situados en el centro comercial de la ciudad y conocidos como "Mercado Municipal". Ellos tienen su pico en el sábado, con poco movimiento durante la semana. El tercero, ubicado en el barrio de Brasília, se extiende a lo largo de una de las principales calles de Altamira, el Figueiredo Abel, que ofrece una variedad de productos en las mañanas de domingo. En este artículo se describen los mercados, en sus características estructurales que suponen los análisis de las relaciones sociales y económicas allí desarrolladas.

Palabras clave: Mercado, Trans,-Amazónica, producción agrícola

INTRODUÇÃO

Os espaços de convívio humano, por mais especializados que sejam, se constituem em terreno de expressão da complexidade das relações humanas. As feiras de produtos agrícolas, aparentemente caóticas, podem ser lidas como nós de ampla rede de relações que articulam pessoas e objetos de setores produtivos e atividades dispersamente objetivadas. Em assim sendo, nelas se expressam relações entre indivíduos oriundos de pontos dispersos do território em que vivem, estilos de vida, formas de produção, usos e abusos sobre os recursos naturais existentes, religiosidade, manifestações artísticas. Pode-se ver ali uma confluência de todos os aspectos relativos à produção e reprodução material e imaterial da população que as frequenta, como identificado nos casos de feiras históricas como as de sexta-feiras em Carpentras, na França (Pradelle 1996). Estes aspectos têm sido explorados por pesquisadores e estudiosos das ciências humanas e sociais que ali identificam os universos sendo significados e resignificados em suas vertentes originais de caráter econômico tanto quanto na relação deste com outros de natureza social, cultural, política, religiosa. O processo de modernização da atividade mercantil no planeta expressa tanto a globalização deste processo quanto a resistência e permanência de expressões de culturas locais (Anjos, Godoi e Caldas 2005). Existem, por outro lado, exercícios endógenos de demonstração da autonomia possível dos produtores, quando fazem esforço

para produzir o próprio alimento e se sustentar pelo esforço individual e da família, em um exercício singelo de reprodução material no cotidiano, como é o caso da família Kingsolver, que se dispôs a viver, pelo menos por um ano, basicamente do que produzia em uma fazenda nos Estados Unidos (Kingsolver 2007).

Em que pese a vasta literatura sobre mercados e feiras, demonstrando a permanência de formas tradicionais de subordinação no exercício da troca de mercadorias (Garcia Jr. 1983, Garcia-Parpet 2008), eles tem sido espaços de expressão da autonomia camponesa e do seu papel de abastecimento da população do entorno das *plantations* do nordeste do Brasil desde o século XIX (Garcia Jr. 1983: 32). Nestes casos genuinamente nordestinos, é marcante o caráter de relativa autonomia dos pequenos produtores, que podem auferir algum lucro na atividade comercial, embora isto se faça em um contexto em que a dependência aos engenhos se evidencia por acordos com os poderosos oligarcas regionais. O caráter mercantil associado ao trabalho e o reconhecimento de manifestação cultural são afirmados em trabalhos sobre as feiras seja em qualquer quadrante, como se pode verificar das análises feitas no Jequitinhonha, no semi-árido de Minas Gerais (Ribeiro 2007). Em outros lugares do mundo, como na França, podem-se encontrar mecanismos de sofisticação próximos aos do mercado perfeito, como o caso de Fontaines-en-Sologne, que permite análises de estudiosos destes espaços (Garcia-Parpet 2003). Ali, o mercado

de morangos é feito tendo como balizador um painel eletrônico que indica os preços e disponibilidades do produto em todo o país, permitindo aos comerciantes e produtores o acesso à formação do preço em tempo real.

As feiras amazônicas carecem de maior atenção na produção sobre os seus significados, como em trabalhos que vem se avolumando como tentativas de entender a expressão das relações sociais entre agentes em um mesmo território (Sá, Costa e Tavares 2006). O enfoque amazônico tem ressaltado tanto a diversidade, quanto a forma de ocupação do espaço urbano (Medeiros 2008) e a inserção deste tipo de atividade na paisagem e perfil de cidades como Belém do Pará, onde o Ver-o-Peso se constitui em um ícone regional (Malheiros 1996). O caráter emblemático deste antigo ponto comercial se revela tanto pelo valor patrimonial quanto pelas práticas sociais que ali se realizam e servem de referência para a cultura amazônica (Lima 2008). Ainda no caso da feira da capital paraense, o papel das mulheres ganha destaque em particular pela atividade das vendedoras de ervas amazônicas, mas elas estão presentes em todo o espaço do complexo comercial (Brasil 2007). Na maioria dos casos as feiras são espaços em que o pequeno comerciante faz o papel de intermediário entre produtores e consumidores (Oliveira 2006, Silva 1990), mas a referência ao mundo campestre e à floresta são apelos publicitários não desprezíveis desta interação.

O universo amazônico tem, em suas feiras, espaços sociais que permitem

entender parte das transformações e intercomunicações, tal como se expressa a vida nestes receptáculos de pessoas vindas de situações e lugares os mais diversos. Os diferentes modos de vida objetivam reconhecimentos possíveis pela interlocução com autores voltados para o tema e pelo mesmo exercício avaliativo aplicado a outros casos de praças de mercado. A análise se pauta na etnografia de espaços sociais que deixaram e deixam marcas indeléveis, inclusive por certos tipos de mercadorias e sistemas de produção. Por conta da experiência relatada e comparação com outros lugares, pode-se levantar hipóteses de trabalho. É este o objetivo do artigo: o exercício do olhar e da percepção sobre um Brasil que se constroi com gente e cultura em confluências e divergências que ora se revelam, ora se escondem nestes pontos de encontro em que vamos nos mergulhar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS. ENSINANDO E APRENDENDO...

As vindas de um dos autores para Altamira, como professor de disciplinas do Curso de Agronomia entre 1999 e 2007, obrigaram a permanências de 2 ou 3 semanas cada vez, sendo inevitável a visão da Feira do Produtor, organizada e ativa, todos os finais de semana, justamente em frente ao hotel em que estava hospedado. Do segundo andar do Hotel Orinoco, foram feitas fotografias que permitiram uma visão panorâmica do espaço mobilizado pelas feiras ali situadas. Em contato direto a cada evento com pessoas envolvidas com

a atividade mercantil naquele lugar, reuniram-se informações e registros, inicialmente de caráter exploratório, permitindo, na sequência, se inferir e analisar alguns dos aspectos objetivos por exercícios de quantificação. A prática de ensino levava os estudantes para exercícios de observação direta e qualificação do olhar. Permitiu acrescentar maior volume de informações às anotações realizadas a cada semana, produzindo-se um primeiro rascunho de compreensão sobre esta atividade. Este exercício foi feito não apenas para o comércio praticado na feira do produtor, mas também na Feira do Bairro da Brasília, esta visitada a cada domingo dos períodos de permanência de um dos autores na cidade, quando se realizava o comércio. O outro pesquisador, morador e professor naquela cidade, pode ir apurando as informações coletadas e dando qualidade ao exercício. Este texto é produto de observações sistemáticas dos autores com a participação de estudantes dos Cursos de Agronomia e Pedagogia da Universidade Federal do Pará, no Campus de Altamira. Organizados em grupos de trabalho por setor de atividade (carnes, peixes, artesanato, hortifrutigranjeiros, confecções, ervas medicinais, transportes), os alunos de Agronomia foram levados a observar, anotar e expor, oralmente e por escrito, o resultado de seus olhares e questionamentos. Um dos motivos de escolha deste tema foi a perspectiva de demonstração das rupturas que se pode provocar a partir de um olhar acadêmico, como sugere o estudo de Ferreti (2000). Neste confronto dos

sentidos com a empiria, chamou-se a atenção para a diversidade dos recursos naturais e dos seus usos que podia ser ali verificada, como demonstrado em outros trabalhos acadêmicos, dos quais o de Silva (2003) é um exemplo. Um grupo foi destacado para recolher informações sobre o histórico e aspectos administrativos e gerais das feiras altamirenses. Os professores estruturaram a pesquisa e o texto. Foram executores de todas as etapas de campo, seja pela observação durante permanências sistemáticas e prolongadas na cidade, seja pelo reforço do trabalho dos discentes em duas incursões de exercícios dirigidos para a temática. Nas idas à feira, os professores realizaram entrevistas e anotações a partir de declarações de pessoas envolvidas com a gestão daquele espaço, como o administrador da feira e os membros das Associações de Produtores e Feirantes, que se fazem presente a cada evento. É do resultado deste esforço coletivo que se fez este artigo.

ANTES DE 1970

Qualquer que seja o aspecto a ser estudado nesta Região da Transamazônica¹, se impõe, de imediato, a periodização recortada pelo antes e depois da construção da Rodovia BR-230, com uma imprecisão expressa pelo termo genérico "início da década de 1970", recorrente tanto na literatura científica quanto no senso comum. Não poderia ser diferente. A Transamazônica correspondeu à interlocução dos anteriores e recém chegados habitantes com outras lógicas de uso do espaço

amazônico, tanto aqueles integrados aos espaços de produção agropecuária como aqueles que compunham e recompuseram outros.

Uma incursão na história local, recorrendo à memória dos moradores mais antigos do lugar e documentação disponível, permitiu o acesso a elementos da comercialização que se exercia nesta cidade. Antes da chegada da estrada federal, os produtos eram ofertados por vendedores que se apresentavam nas ruas a cavalo, de bicicleta, carro de mão, carroça, ou a pé, e vendiam o que possuíam e podia ser transformado em dinheiro. Muitas vezes eram eles mesmos os produtores. Este tipo de oferta ainda ocorre para alguns produtos como sorvetes, salgadinhos, verduras,

leite, em intensidades bem menores do que naqueles tempos idos em que as mercearias, feiras e mercados eram escassos ou inexistentes.

Até chegar ao estágio em que se encontra, a Feira do Produtor de Altamira passou por diversos lugares, num processo que teve seu início na década de 60 do século passado, onde surgiu, na Travessa Paula Marques, esquina com a Rua Magalhães Barata, nas imediações do prédio do mercado de peixe. Este prédio guarda ainda a mesma estrutura da fachada (Figura 1), mas não tem sinais ou placas indicando a data de inauguração e funcionamento. Existe uma placa indicando sua apropriação como Biblioteca Pública Municipal, em 1974, e em 2006 ali funcionava o



Figura 1 - Fachada do antigo Mercado e Feira Municipal de Altamira, janeiro de 2006. Foto de Gutemberg Guerra

Conselho Tutelar, demonstrando que sua utilização como centro comercial foi limitada no tempo.

São recorrentes certos temas que estruturam o discurso das pessoas que viveram o tempo deste primeiro funcionamento da feira nas calçadas do Mercado Municipal. Merece atenção o fato de ter sido tão rapidamente mudado o local e uso destas instalações, uma vez que esta atividade esteve sempre girando em torno daquele ponto da cidade. Vale lembrar que este é o período (1970-1980) de investimentos na modernização nacional e de esforços no sentido de integração da região amazônica à economia do país.

Anos depois, a Feira foi transferida para outra esquina da mesma Travessa Paula Marques, desta vez com a Rua 1º de Janeiro, onde se localiza o prédio da Câmara Municipal de Vereadores. Teve que retornar ao lugar inicial por deficiência de espaço, o que permite pensar que a atividade produtiva agrícola tenha alcançado novos significados e volume. Em seguida a Feira foi para a Rua 1º de Janeiro, esquina com a Travessa Lindolfo Aranha, onde funciona um posto de gasolina. Continuando sua trajetória, a Feira ocupou dois lugares, simultaneamente, por causa do número elevado de feirantes. Um destes espaços era a esquina da 1º de Janeiro com a Travessa Lindolfo Aranha; e o outro é a área que abriga o Conselho Tutelar e a Câmara Municipal. Outra transferência levou a Feira para a Avenida Djalma Dutra, no local onde existe a Praça da Paz “Maria Faiz”. Depois de todas estas esta-

ções é que houve a formação da Feira na Travessa João Coelho, onde há um posto de gasolina, permanecendo por lá até o ano de 1973, quando se mudou, definitivamente, para o presente lugar, na Avenida Tancredo Neves, entre as Ruas Pedro Gomes e a Rua Salim Mauad.

A chegada da rodovia Transamazônica marcou a mudança dos costumes na cidade de Altamira e a fez conhecida nacional e internacionalmente. Os relatos que se pôde recolher sobre a comercialização de produtos agrícolas nestas feiras indicaram contradições, lacunas e imprecisões, o que recomenda um investimento sistemático para que se possa permitir a compreensão de como evoluiu a construção de circuitos mercantis. Dois livros conhecidos como referência da história de Altamira, no imediato período de instalação da Transamazônica, têm um caráter de propaganda governamental, ressaltando o progresso chegado no bojo das políticas da época. Ainda com este limite de precisão, reflete impressões e percepções sobre esta forma de comércio. Refere-se ao trabalho de Ubirajara Marques Umbuzeiro (1999) e de Vânia Figueiredo (1976).

Segundo Vânia Figueiredo (1976: 179),

“Festivos e pitorescos, os dias de feira livre no Mercado Municipal de Altamira despejam no amplo pátio de concreto as cores e os sons da produtividade e da fartura. É um misto de Bolsa de Cereais e Pregão Pecuário, com negócios resolvidos entre compadres, enquanto é afrouxada a severa vigilância sobre os namo-

rados que vieram da roça e que encontram assim um pouco de paz em meio ao burburinho reinante”.

Além dos aspectos pitorescos reconhecidos nesta narrativa, são evidenciados os elementos de sociabilidade que enriquecem este espaço. É o lugar do encontro para os namoros e futuros casamentos, espaço que permite a reprodução social das categorias que ali se projetam.

Na dedicação modesta que a obra faz à feira, o texto é denso de significado na descrição dos produtos ofertados:

“O amarelo da farinha "de puba" cintila sob o sol em todas as suas tonalidades, que vão do quase branco, ao açafão da "tucurunã". A goma alvinha e úmida para os beijos, o tucupi apimentado, as "ervas-de-cheiro" ou de propriedades medicinais concorrem com os grandes cachos de banana, muitos deles pesando mais de 60 kg (sic!), os mamões com gosto de flor, as pinhas, o milho, as laranjas verdes, as tangerinas miúdas” (op.cit.: 179).

O relato dos moradores mais velhos da região demonstram o que significou este salto, de maneira concreta e ilustrada, confirmando e justificando o caráter de exaltação encontrado nas obras citadas.

Maria Bola, 67 anos, natural de Altamira, lembra que a compra de carne era difícil. Os mais abastados encomendavam as partes consideradas mais nobres do bovino e o que ficava para ser comercializado pelos pobres era feito em uma fila para atendimento incerto da compra deste produto. Raimundo

Pantoja dos Santos, motorista de táxi, originário de Altamira, confirma esta disputa pela carne. Eram tempos em que os produtos que chegavam ao mercado eram poucos.

DOIS TIPOS DE FEIRA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

Em Altamira, duas feiras, uma livre e outra do produtor funcionam contíguas. A Feira livre é entendida como aquela em que os comerciantes não são necessariamente produtores. Organizam-se tanto em boxes fixos como recebem vendedores ambulantes temporários que se espalham pelo espaço intersticial da feira e nas ruas que circundam o quarteirão. A Feira do Produtor se identifica como a dos que se situam no grande galpão construído e com acesso principal pela Avenida Tancredo Neves, podendo-se nela se chegar pelas outras ruas circundantes. Dela participam 144 produtores em bancas de madeira. Uma banca (a de nº 145) é dedicada à venda em campanhas filantrópicas. Para ter acesso e direito de uso dessa banca deve ser feita solicitação para a diretoria da Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira – APEFA.

O conjunto das duas feiras está localizado no quarteirão circundado pela Avenida Tancredo Neves e ruas Salim Mauad, Alacid Nunes e Pedro Gomes. Elas são remanescentes de uma iniciativa surgida na Rua Djalma Dutra, transferida na década de 1970, na gestão do prefeito Edson Batista. A primeira estrutura fixa, denominada de

Mercado do Peixe e Feira Livre data de 1978, inaugurada na gestão do então governador Aloysio da Costa Chaves, sendo prefeito municipal o engenheiro Edmilson Moreira Veras.

Duas associações representativas cumprem papel importante na constituição do que se tem como prática comercial e organização deste espaço e expressam divergências políticas existentes entre os feirantes. A primeira delas teve suas primeiras discussões iniciadas em 1983, sendo legalizada em 1989, conforme ata de constituição e organização da Associação dos Produtores Feirantes de Altamira – APEFA, com apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará, em cuja sede se realizou a assembléia de fundação. A segunda, conhecida como Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira – ACFA, foi fundada em 1987.

A estrutura física foi instalada como um mercado coberto em 1996, em obra construída por parceria estabelecida entre a Prefeitura Municipal de Altamira – PMA, a Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira – ACFA e Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira – APEFA, com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER. Segundo Washington Luis Alves de Mesquita, goiano que habita Altamira desde 1974, presidente da Associação dos Comerciantes e Feirantes de Altamira - ACFA, os produtores teriam entrado na parceria com o valor de doze mil reais e a PMA com quarenta e dois mil reais para a construção do

galpão. O Sr. Washington é fiscal fazendário concursado da Prefeitura Municipal de Altamira (PMA) e exerce o cargo acumulado com a função de presidente da ACFA. Figura emblemática como administrador da feira, exerce a função há quatro mandatos de prefeitos municipais diferentes e se constitui em memória viva de todo o processo de evolução da feira.

As feiras localizadas neste quarteirão funcionam, intensamente, nas sextas, durante o dia todo, sábados, até o meio dia e, precariamente, durante os outros dias da semana. A Feira do Produtor conta com 145 bancas construídas de madeira e 148 boxes erigidos em tijolos. Os produtores/vendedores possuem uma ficha cadastro com dados estruturais na secretaria da administração da feira. Ocupa uma área de 6.000 m² e tem 3.248,88 m² de área construída. Caracteriza-se pelo fato de que os comerciantes, em principio, são os mesmos produtores, juntamente com seus familiares. Existem casos em que os comerciantes deixaram a atividade produtiva, especializando-se no comércio, o que tem sido elemento de controvérsias nas assembléias da APEFA.

O fato de ser organizada como um mercado coberto garante um fluxo regular em todos os períodos do ano. Nos dias de maior afluxo de produtores/vendedores e consumidores a Feira se espalha pelas ruas próximas. Todo quarteirão e imediações são cobertos com produtos que se distribuem pelas ruas e galpões, conforme se pode ver nas ilustrações (Figuras 2 e 3). A pista da Avenida Tancredo Neves, em frente

ao Mercado, fica interdita desde a sexta-feira. Produtos volumosos como melancias (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai), abóboras (*Cucurbita pepo*, L.), cupuaçu (*Teobroma grandiflorum*, Schum.), banana (*Musa paradisiaca*, L.), coco (*Cocos nucifera*, L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), galináceos, sacarias, e vendedores ambulantes de lanches de origem municipal, regional e interestadual podem ser encontrados ali, nas formas mais tradicionais e improvisadas de troca.

Na esquina da Avenida Tancredo Neves com a rua Salim Mauad, motociclistas fazem ponto e transportam passageiros com pequenas mercadorias e trajetos mais próximos. Na confluência das ruas Salim Mauad, Alacid Nunes e Pe-

dro Gomes se forma a Praça da Integração. Serve de estacionamento para veículos como ônibus, caminhões, camionetes, kombis, vans, motos, bicicletas e carroças² que fazem transporte de passageiros e cargas. Um ponto de táxi, estruturado com telefone, bancos e banheiros, funcionando ininterruptamente por 24 horas, serve de referência para os comerciantes e consumidores. A frota que serve neste ponto é de 22 veículos.

Segundo o administrador da feira, com o decréscimo da atividade madeireira e construção civil, o comércio informal na área da feira teria aumentado em aproximadamente 30%. Trabalhadores desempregados teriam se engajado na atividade comercial caracterizada pela



Figura 2 - Vista parcial da parte externa em frente à Feira do Produtor, Altamira, janeiro de 2004. Foto de Gutemberg Guerra

informalidade e controle flexível no que concerne a impostos e taxas.

As imagens da Feira do Produtor registram a riqueza presente na região. Na figura 2 podem-se ver as duas pistas da Rua Tancredo Neves, com uma delas interditada pela movimentação dos que chegam para a atividade comercial de compra e venda dos produtos. Na divisória central, podem-se identificar vendedores de melancia, jaca e galináceos, ocupando praticamente toda a largura do espaço destinado ao pedestre. Este é o marco do termo “livre” que caracteriza a Feira. O critério é o da ordem de chegada e da disposição e oferta dos produtos conforme a percepção e estratégias do seu dono. A informalidade rege a relação entre as partes. O vendedor prega alto e tenta chamar atenção para o seu produto, propõe degustação, flexibiliza preço, informa origem e garante pela qualidade. O consumidor avalia, indaga, contrapropõe e, no diálogo aberto, se estabelecem as condições para que o negócio se concretize ou aborte.

O movimento e barulho são próprios deste ambiente. A circulação das pessoas a pé, de bicicleta, moto, automóvel, carroça, charrete, carregando sacos, sacolas, valises, borocas³, apetrechos, troixas⁴, empurrando carrinhos de mão, são algumas das possibilidades e visões deste formigueiro humano. A comunicação se impõe aos berros e gestos largos, teatrais, com palmas, cantos apregoados, gritos e assovios. A disputa se dá em todos os níveis da possibilidade humana.

Estar no meio da rua, impedindo a pas-

sagem é uma forma vigorosa de apresentar-se. É um tipo de propaganda que obriga a aproximação entre público provável do vendedor atento. Esta é uma estratégia de abordagem que atravessa a história do mundo e que se perpetua nestes espaços. O poder público regula apenas o tempo em que ele acontece, limitando-o a um ou dois dias, ordenando o tráfego e deixando à disposição recursos que garantam um mínimo de segurança a vendedores e compradores. Ao estado interessa que o comércio se desenvolva, ainda que este tipo de comercialização tenha sido sempre tratado com desdém, como característico de pobres e sonegadores.

De qualquer ângulo que se olhe a Feira, ela se revela em especificidades em cada canto, em cada pedaço. Os produtos amontoados formam sendas e passagens, montes verdes, marrons, aglomerados de gente nas esquinas, estacionamentos, becos, vielas. A diversidade vai se revelando nas roupas das pessoas, nos tipos físicos, nas aparências das classes sociais representadas em cada detalhe.

A produção incessante de significados qualificativos do espaço da Feira do Produtor de Altamira se evidencia na prática das administrações municipais, refletindo-se em pequenos detalhes ou em sinalizações ostentatórias como o enorme painel do galpão que dá para a Avenida Tancredo Neves. A administração municipal, iniciada em 2005, pintou a fachada do mercado coberto, antes apresentada em vermelho e branco, como se pode ver na figura 2, para as cores verde e branca, acrescentando

a denominação de Feira do Produtor o nome de Maria de Lurdes Roque Sousa, produtora e membro ativo da diretoria da Associação de Produtores e Feirantes de Altamira, segundo informação de diretores da entidade (Figura 3). Esta mudança retoma a cor verde dominante da bandeira de Altamira e cria uma nova identidade dissociada da anterior, caracterizada pelo vermelho do partido político no poder na gestão passada (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB). A gestão seguinte é associada ao partido político que se identifica pela cor amarela (Partido da Social Democracia Brasileira, PSDB) nas campanhas eleitorais, mas o mercado se torna verde (Figura 3). Quanto ao nome da Maria de Lurdes Roque Sousa, foi

proposto por vereador em projeto de Lei na Câmara Municipal, alegando ter sido ela "agricultora que sempre lutou pela valorização do pequeno produtor rural, tendo sido uma das fundadoras da Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira – APEFA" e participado de cinco gestões da direção da APEFA. O seu nome não consta em nenhuma das atas de fundação das associações, mas os discursos do atual e anterior presidente da APEFA, assim como do Presidente da AFCA, são unânimes no reconhecimento da importância desta senhora para a constituição da APEFA. A roça comunitária orientada pelos técnicos da EMATER que estaria na origem da APEFA, segundo diretores da Associação, funcionava no terreno do sogro de Maria



Figura 3 - Feira do Produtor Maria de Lurdes Roque Souza, 04/08/2005 (5ª feira). Foto de Jair Otávio Farias Braga

de Lurdes, sugerindo que a família da homenageada teria exercido um papel destacado na formação da entidade. Dados cadastrais da APEFA registram ser ela natural de Altamira, nascida a 24 de abril de 1964, casada, com um filho, vendendo na feira produtos como tapioca, tucupí, biribá (*Rollinia mucosa* (Jacq.) Baill), jambú (*Acmella oleracea*, L.) e cupuaçu.

Os dias da semana transcorrem em frente ao mercado com uma movimentação completamente diferente das do sábado pela manhã. Caminhões descarregam produtos que adentram o galpão da Feira do Produtor, são armazenados nos prédios que lhe circundam, comercializados e trocados em miúdo ou em grosso, ou vão para os espaços intersticiais da rua onde permanecem cobertos de lona ou plástico, aguardando o dia maior do comércio. Nestes dias a circulação de pessoas é menos intensa e as bancas arrumadas dentro do galpão permanecem, em sua maioria, limpas e vazias.

O perímetro da Feira do Produtor é circundado de estabelecimentos comerciais como bares, farmácias, oficinas mecânicas, lanchonetes, restaurantes, lojas de confecções, artesanatos e variedades, compondo um complexo comercial e espaço de entretenimento vigoroso no coração da cidade. Internamente, os boxes tendem a uma especialização das áreas, sendo identificadas no barracão principal a presença maciça dos hortifrutigranjeiros. À direita do barracão principal, em boxes construídos em cimento e ladrilhos brancos concentram-se os açougues; ao fundo

do barracão, restaurantes e vendedores de cereais (milho, arroz, feijão, amendoim) e farinha. Na confluência com a Feira do Atravessador, como é qualificada a Feira Livre pelos membros da Feira dos Produtores, dando para a rua Salim Mauad, pescados (camarões e peixes, refrigerados ou salgados) são oferecidos. Churrasqueiras construídas em cimento e mesas de madeira caracterizam o ponto de encontro de pecuaristas da região. Em espaço onde se localizam restaurantes e bares, logo atrás dos hortifrutigranjeiros, no galpão principal, mulheres exercem a prostituição, tornando aquele ponto do mercado um ambiente diferenciado de sociabilidade entre peões e colonos, vindos do interior do município, com mulheres da cidade.

No canteiro central da Avenida Tancredo Neves, próximo ao cruzamento com a Rua Pedro Gomes, onde se ergue o único semáforo da cidade, pregadores religiosos se revezam, criando um espaço simbólico de outra natureza.

Ao fundo e contígua à esta feira, na praça formada pela confluência das ruas Salim Mauad com a Alacid Nunes, uma outra feira, dita do Atravessador, possui 60 barracas. É igualmente administrada pela Prefeitura Municipal de Altamira, que tem feito melhorias como a instalação de uma grade de ferro que isola o local nos horários de descanso, construção de banheiros para os motoristas de táxis, posto policial e de fiscalização permanente pelo administrador. Segundo este, antigamente o local tinha um depósito de lixo a céu aberto que atraía aves de

rapina e roedores. O sistema de limpeza mantido eliminou ou diminuiu sensivelmente o problema de saneamento e circulação de animais na área.

Além da coleta sistemática, o administrador informa usar fogos de artifício e explosão quando urubus se aproximam das caixas coletoras ou de algum acúmulo de dejetos nos dias de maior movimentação. Pesquisa realizada com estudantes do curso de Agronomia do Campus de Altamira (turma de 2005) evidenciou a prática de controle biológico de roedores com a criação de jibóias domesticadas e que circulam no espaço da Feira. Dificilmente visíveis, os répteis são utilizados com frequência nas residências e estabelecimentos comerciais da cidade, embora haja contestação de pessoas sobre este costume. O administrador da Feira do Produtor confirma a prática e considera mais saudável do que o uso de venenos na área que se destina fundamentalmente à comercialização de alimentos.

A administração das Feiras de Altamira é exercida por esta personagem que possui uma dupla legitimação, canalizando o capital político da associação dos produtores e feirantes assim como das administrações municipais. A sede da Associação é, ao mesmo tempo, o escritório da administração das feiras. Pudemos constatar que circula e media a relação entre as duas organizações de feirantes sem aparente atrito, o que deve ser mais evidente nos períodos de campanha eleitoral, em que os campos da disputa política se definem com nitidez.

As regras de higiene e conservação não

são obedecidas, como se pode constatar nas figuras apresentadas. A administração e os vendedores justificam a manutenção destas formas de exposição como uma exigência do público. Mercadorias guardadas em balcões frigoríficos, em embalagens fechadas e lacradas, sem a possibilidade de verificação ocular, olfativa e tátil são desdenhadas ou não são adquiridas pelos consumidores. No período chuvoso, a proliferação de moscas e mosquitos, favorecida pela exposição e sujeira advinda da exsudação dos pescados e carnes tornam o ambiente da feira desagradável, desconfortável, fétido. Estas evidências têm sido combatidas e tem se modificado lentamente, porém permanece a dominante falta, ou baixa, condição de higiene. Os produtos são tocados, experimentados, adquiridos e embalados em sacos plásticos (Figura 4) e transportados sem atendimento aos padrões exigidos de conservação e transporte.

Quando falamos de pescado há que se incluir camarão fresco e salgado, crustáceos como o caranguejo, ostras e bivalvos. A conservação é feita com gelo colocado sobre os produtos, supondo-se mantê-los na temperatura capaz de preservá-los da degradação. Sem fiscalização nem orientação suficiente, as pessoas acabam aferindo a qualidade do produto pelos procedimentos mais simples, como o uso dos cinco sentidos e conhecimento prático de cada um.

O atendimento a regras básicas de indumentária e equipamentos adequados ao trabalho é uma realidade distante dos alegres e descontraídos comerciantes altamirenses (Figura 4). Luvas,

aventais ou guarda-pós não fazem parte do universo cultural e nem das normas de higiene destes mercados, o que não é uma exceção se considerada a maioria das feiras brasileiras.



Figura 4 - Vendedor exhibe pescados na Feira Livre de Altamira, 05/08/2005 (6ª feira). Foto de Jair Otávio Farias Braga

A FEIRA DA BRASÍLIA

Brasília é o nome da área⁵ onde a feira mais movimentada de Altamira se realiza, sempre aos domingos, ao longo da Rua Abel Figueredo. Embora pareça caótica, pode-se constatar a organização espacial da feira por setores. No início da feira, na confluência das ruas Abel Figueredo com a João Coelho, onde se localiza um posto de gasolina, o consumidor é assediado pelos gritos dos mercadores de frutas e verduras. Um ponto de táxis e circulação intensa de motociclistas e condutores de bicicletas caracterizam a entrada da feira por esta confluência de ruas, a qual e se expande por três quarteirões delimitados pelas ruas conhecidas como Acesso 5 e da Concórdia, transversais da Abel Figueredo.

Produtos como melancia, macaxeira,

folhosas e galináceos espalhados pelo chão indicam o vigor do ponto comercial. Na medida em que se adentra a feira, quatro filas de bancas no leito da rua asfaltada sugerem, da direita para a esquerda, uma organização do espaço em setores. Margeando a calçada, encontram-se os vendedores de carne fresca, salgados e embutidos, numa única fila. No meio da rua, organizados em duas filas, permanecem os vendedores de frutas, verduras, cereais, farinhas e condimentos. Do lado esquerdo da rua, em uma fila, alternam-se vendedores de frutas, verduras, cereais e farinhas. No meio da feira, no lado esquerdo, vendedores de pescados expostos em caixas térmicas de isopor, fazem o seu pregão oferecendo acaris (*Ancistrus ranuncululus* Muller, Rapp Py-Daniel & Zuanon), tucunarés (*Cichla spp.*), pescada branca (*Isopisthus parvipinnis*) e amarela (*Cynoscion acoupa*), piramutaba (*Brachyplatystoma vaillantii*), filhote (*Brachyplatystoma filamentosum*), surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*) e camarões. Embora seja clara esta delimitação setorial dos produtos oferecidos, vamos encontrar dispersos, em um ou outro destes setores, vendedores de produtos como galináceos (principalmente e mais numerosas as galinhas caipiras, em menor proporção patos e perus), promotores de jogos de azar (baralho, dados, adivinhações), vendedores de raízes e ervas, de calçados, tecidos e confecções. Nos cruzamentos com a Rua João Coelho e com a Rua Acesso 5, podem-se encontrar pregadores religiosos ou pedintes, apelando para a solidariedade do público.

Diferentemente da Feira Livre e do Produtor, que funcionam na sexta e no sábado, a feira da Brasília funciona aos domingos, a céu aberto, ocupando extensão da Rua Abel Figueiredo em três quarteirões. Nela se concentram em torno de 400 a 500 vendedores, segundo uns, ou 150 a 200, segundo outros. Existia um trabalho de contabilização em curso, sendo feito por um dos comerciantes, na perspectiva de fundar uma associação de feirantes daquele bairro. A Associação dos Produtores e Feirantes de Altamira realizou cadastramento durante o ano de 2005, chegando ao número de 586 vendedores distribuídos conforme a Tabela 1.

As contagens efetuadas são problemáticas devido à variação dos números de vendedores em cada domingo. Pelo caráter livre deste tipo de organização, o cadastramento de fato pode dar uma idéia dos freqüentadores ao longo de certo período, sendo praticamente impossível estabelecer um número fixo. Alguns deles comercializam os seus produtos tanto na sexta e sábado, na Feira Livre e do Produtor, quanto no domingo, na Feira da Brasília. Aproveitaram para tentar concluir o mercado dos seus produtos trazidos de longas distâncias, oferecendo preços mais baixos, o que se constitui em atrativo para este espaço comercial.

A Feira se instala na madrugada do domingo, tornando-se intensa no início da manhã, quando os consumidores chegam em massa para as compras. Entre seis e sete horas a movimentação de caminhonetas, carroças, bicicletas e motos circulando entre as barracas dão

Tabela 1
Vendedores cadastrados na feira da Brasília

| Atividade | Vendedores |
|-------------------------------|------------|
| Açougues | 26 |
| Micro produtores ⁶ | 101 |
| Confecções | 60 |
| Lanches | 28 |
| Cereais | 51 |
| Artesanato | 33 |
| Hortifrutigranjeiros | 199 |
| Refeições | 5 |
| Panificação | 1 |
| Condimentos | 2 |
| Galináceos | 1 |
| Queijos | 2 |
| Pescados | 77 |
| Total | 586 |

Dados da APEFA. Janeiro de 2006.

o tom de arrumação final do comércio. Ao meio dia e início da tarde a feira se desfaz, prolongando-se a atividade dos bares e comércios de bebida alcoólica. Os pontos de encontro e entretenimento são bares fixos, em casas ao longo da Rua Abel Figueiredo e nas transversais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que caracteriza ambas as feiras é a enorme variedade e volume de produtos apresentados no curto espaço de tempo, praticamente dois dias na semana, além da freqüência intensa de pessoas vindas dos diversos pontos da cidade, a transformação do espaço urbano em área de polarização da atividade comercial e lúdica de camponeses

e cidadãos. Expressa-se ali a biodiversidade amazônica, traduzida pelos frutos e hortaliças regionais e exóticos, extraídos, coletados e cultivados, embora não se possa deixar de registrar e reconhecer a interação com produtos vindos de outras regiões do país e do exterior. Salta aos olhos e se impregna no olfato a enorme quantidade de cupuaçu, melancia, jaca, coco, milho, tomate, cebola, galináceos, cereais, farinhas e outros produtos que são acomodados no espaço formal das feiras e transbordam para as ruas das suas proximidades nos dias empregados para o comércio. Verifica-se atenção destacada da administração municipal a esta atividade, em que pese não haver um reconhecimento expressivo do seu lado comercial na literatura local. A Feira é nela abordada pelo seu lado pitoresco e enquadrada como ponto turístico.

Parte significativa da economia dos municípios está ali representada, tanto pelo volume de negócios que se consumam, quanto nos contatos que se estabelecem e interações que se materializam em todos os campos da relação humana.

Ainda que tenhamos valorizado a descrição dos aspectos da comercialização, o lado cultural da feira não deve ser desprezado. Espaço do lazer de pessoas que vêm para a aquisição de produtos, é também espaço social dos próprios feirantes e produtores que, no fato de virem até a aglomeração urbana, aproveitam para rever amigos, parentes e viver o que não seria possível na dispersão do campo. Os bares, boates, restaurantes,

casas lotéricas, lanchonetes, oficinas, salões de beleza e outros estabelecimentos ganham intensidade nos dias de feira, demonstrando muito mais do que o caráter comercial pelo qual elas costumam mobilizar.

FONTES: ENTEVISTADOS

Maria Bola. Natural de Altamira. Dona de casa. Entrevista a Gutemberg Guerra em 15 de janeiro de 2005.

Raimundo Pantoja dos Santos, natural de Altamira, 58 anos, motorista de táxi. Entrevista a Gutemberg Guerra em 15 de janeiro de 2006.

NOTAS

¹ Dá-se como tendo identidade de Região da Transamazônica ao trecho compreendido entre Pacajá e Rurópolis, abarcando entre eles os municípios de Altamira, Medicilândia, Brasil Novo, Uruará, Placas, Senador José Porfírio, Porto de Moz e Vitória do Xingu.

² Segundo o administrador da Feira, 33 carroças freqüentam o local.

³ Termo regional que designa, de maneira geral, mochilas, sacolas, sacos de pano para acomodar roupas e apetrechos para viagem.

⁴ Embrulho feito com lençol, colcha ou cobertor, amarrando-se as quatro pontas. Trouxa.

⁵ Conhecida como bairro, esta área de fato se subdivide em vários segmentos. A Feira se localiza no Bairro Aparecida, na Brasília.

⁶ Denominação genérica que indica a dificuldade no cadastramento e enquadramento das categorias.

REFERÊNCIAS

- Anjos, F. dos, W. I. Godoy e N. V. Caldas. 2005. *As feiras livres de Pelotas sob o império da globalização: perspectiva e tendências*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária.
- Brasil, W. 2007. *Mulheres, desenvolvimento local e sucesso: as feirantes em Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda*. Dissertação de Mestrado. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará, Brasil.
- Ferretti, S. F. (Org.). 2000. *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luiz: Edições UFMA.
- Figueiredo, V. 1976. *Altamira. Latitude esperança*. Altamira: Falângola.
- Garcia Jr., A. 1983. *Terra de Trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Garcia, M-F. C. 1984. *Feira e Trabalhadores Rurais: As Feiras do Brejo e do Agreste Paraibano*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Garcia-Parpet, M-F. 2003. A construção social de um mercado perfeito: o caso de Fontaines-en-sologne. *Estudos Sociedade e Agricultura* 20: 5-44. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/vinte/parpet20.htm#_ftnref3. Acessado em 17/03/2010.
- _____. 2008. Mercado e modos de dominação: a feira e as vinculações de trabalhadores na plantation açucareira nordestina, in *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, vol. 1: formas tuteladas de condição camponesa*. Organizado por D. P. Neves e M. A. M. Silva, pp. 69-87. Brasília: Editora UNESP, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (História Social do Campesinato Brasileiro).
- Kingsolver, B. 2007. *Animal, vegetable, miracle*. *A year food life*. New York: HarperCollins.
- Lima, M. D. 2008. *Ver-o-peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. Brasil.
- Malheiros, U. da S. 1996. *A Imagem do Ver-o-Peso no contexto da paisagem de Belém*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Brasil.
- Medeiros, J. F. da S. 2008. *Feiras e feirante em Belém (PA): as "novas" formas de apropriação do território NA/DA metrópole*. Monografia de Especialização, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Universidade Federal do Pará. Brasil.
- Oliveira, L. M. B. 2006. *A Feira do produtor do Município de Boa Vista - RR: o perfil sócio-econômico dos feirantes*. Monografia de Especialização. Centro de Ciências Agrárias, Curso de Especialização em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Pará. Brasil.
- Pradelle, M. de La. 1996. *Les vendredis de Carpentras. Faire son marché en Provence ou ailleurs*. Paris: Fayard.
- Ribeiro, E. M. (Coord.). 2007. *Feiras de Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de família rurais no semi-árido de Minas Gerais*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras. (Coleção BNB Projetos Sociais, n.01)
- Sá, M. E. R. de, S. M. G. da Costa, & L. P. O. Tavares. 2006. O rural- urbano em Santarém: interfaces e territórios produtivos. In *O rural e o urbano na Amazônia. Diferentes olhares em perspectivas*. Organizado por A. C. D. Cardoso. Belém: EDUFPA.
- Silva, R. C. da. 1990. *Comercialização direta produtor/ consumidor: alternativa de sobrevivên-*

cia ou estratégia de desenvolvimento? O caso da feira livre dos produtores rurais de Santarém - Pará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Brasil.

Silva, R. N. M. da. 2003. *Biodiversidade da Amazônia e mercados locais.* Tese de Doutorado. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Brasil.

Umbuzeiro, U. M. 1999. *Altamira e sua história.* Altamira: Prefeitura Municipal de Altamira.

Recebido em 15/12/2009.

Aprovado em 10/03/2010.